

**RUPTURAS E CONTINUIDADES: A
PERSPECTIVA DE SISTEMA-MUNDO NO ÂMBITO
DO DEBATE ENTRE IMMANUEL WALLERSTEIN E
ANDRÉ GUNDER FRANK E BARRY GILLS**
RUPTURES AND CONTINUITES: THE WORLD-
SYSTEM PERSPECTIVE AMONGST THE DEBATE
BETWEEN IMMANUEL WALLERSTEIN AND ANDRÉ
GUNDER FRANK AND BARRY GILLS

GABRIEL VICTOR SILVA PAES*

Resumo: A perspectiva de sistema-mundo tem recebido uma quantidade considerável de contribuições e análises que se baseiam, em grande parte, nos pilares estabelecidos por Immanuel Wallerstein quando de seus textos seminais nas décadas de 1970 e 1980. Todavia, percebe-se um relativo isolamento de uma revisão feita por um dos principais contribuintes da leitura de sistema-mundo, André Gunder Frank, quando em meados dos anos 1990 se uniu ao jovem sociólogo Barry Gills e fundamentou uma tese que descrevia a existência de um sistema mundo de cinco mil anos, ao contrário da leitura de Wallerstein focada no “longo século XVI”. Partindo desta cisão, o presente texto tem por objetivo trazer uma revisão qualitativa da literatura de sistema-mundo, capaz de elucidar as principais diferenciações teórico-metodológicas entre tais perspectivas, e sublinhar as contribuições de autores próximos à discussão.

Palavras-chave: Sistema-mundo; História global; Capitalismo.

Abstract: The world-system perspective has received a plethora of analysis and contributions mostly based on the frameworks established by Immanuel Wallerstein during his seminal works between the 1970 and 1980 decades. However, we perceive a relative isolation of a critical review done by one of the main contributors of the world-system reading, André Gunder Frank, in the midst of the 1990 decades when he joined the young sociologist Barry Gills and based a thesis that described the existence of a five thousand years world-system, contrary to the beginning at the “long sixteenth century” as Wallerstein states. Focusing in that split, the objective of this text is to perform a world-system qualitative literature review capable to elucidate the main theoretical and methodological differences between these perspectives and to highlight the contributions of other authors next to the discussion

Keywords: World-system; Global History; Capitalism.

* Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional (PEPI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (E-mail: gabrielpaes21@hotmail.com)

Introdução

Quando da reedição, em 2011, de *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*, Immanuel Wallerstein escreveu um prólogo no qual tecia comentários sobre as recepções e críticas que recebeu desde a publicação original do livro em 1974. Em adição aos extensos embates travados com as teorias weberianas, marxistas e do desenvolvimento, Wallerstein identifica uma “ótica revisionista do Sistema-Mundo”¹ focalizada nos escritos de André Gunder Frank e Barry Gills, estes que, segundo o autor, buscavam retratar a existência de um único sistema-mundo originado há aproximadamente cinco mil anos e que teria, em largos períodos temporais, centralidade na China.² Não obstante, no mesmo ano, Wallerstein realizou uma dedicatória a Gunder Frank, explicitando: “Nós concordávamos em ao menos 80% das análises do mundo moderno. *Quanto aos temas dos quais discordávamos, não havia um padrão de aliança entre nós.*”³ Nas frases seguintes, Wallerstein deixa claro que a discordância entre os dois estava relacionada diretamente à leitura que os autores realizavam sobre o sistema-mundo⁴.

Gunder Frank e Gills,⁵ por sua vez, deixam claro que compartilham de perspectivas próximas às de Wallerstein, e de outros autores do sistema-mundo, no que se refere aos ciclos de expansão e contração da economia-mundo a partir do “longo século XVI”. Todavia, referendam que:

Contudo, preferimos nos dirigir a alguns outros problemas correlatos. O principal consiste nas similaridades e diferenças entre nosso ponto de vista e o de outros acerca das continuidades e descontinuidades sistêmicas entre este período “moderno” e seus predecessores “medievais” e “antigos”. [...] todavia muitos desses outros autores [de sistema mundo⁶] diferem entre si, já que uma maioria concorda que o período por volta de 1500 [...] representa uma ruptura fundamental com o passado. Para estes, esse é o início de um fundamentalmente distinto sistema-mundo capitalista. Para nós, e alguns poucos, é ainda mais importante observar a continuidade com o passado dentro do mesmo sistema mundo e seus ciclos contínuos de acumulação de capital e hegemonia/rivalidade.

¹ WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century**. 2nd ed. Berkeley: University of California Press, 2011a, XXVIII.

² *Ibidem*, XXVIII-XXX.

³ WALLERSTEIN, Immanuel. Foreword. In: MANNING, Patrick; GILLS, Barry (eds.). **Andre Gunder Frank and Global Development: Visions, Remembrances and Explorations**. London: Routledge, 2011d, XX, tradução e ênfase nossa.

⁴ WALLERSTEIN, *op.cit.*

⁵ FRANK, Andre Gunder; Gills, Barry. **The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?** London: Routledge, 1996, p. 180-181. Tradução nossa.

⁶ Observação nossa.

Tendo em vista a relativa escassez de pesquisas em português acerca da diferenciação entre a perspectiva de sistema-mundo de Wallerstein frente a de Gunder Frank e Gills, com uma evidente primazia e popularização da primeira, temos por objetivo elucidar os principais ferramentais teórico-metodológicos deste debate, seus pontos de inflexão mais proeminentes e a capacidade de apropriação desses para as análises de sistema-mundo na contemporaneidade.

A fim de alcançarmos tal objetivo, traremos uma revisão qualitativa e comparativa da literatura de sistema-mundo, priorizando: os pilares teórico-metodológicos da perspectiva de Immanuel Wallerstein e os de André Gunder Frank e Barry Gills; o posicionamento dos autores no embate direto entre estes; e como demais pesquisadores, caros ao assunto, posicionaram-se frente à temática.

O moderno sistema-mundo capitalista

Tributário das perspectivas estruturalistas, como as da teoria da dependência e da escola dos *Annales*, o sociólogo Immanuel Wallerstein buscava adequar seus instrumentos de análise a fim de compreender as dinâmicas de mudança social e desenvolvimento desigual ao redor do mundo. O estadunidense estava imerso em uma conjuntura do pós-Segunda Guerra Mundial na qual os processos de libertação nacional, contrarrevolução –conservadores em sua imensa maioria– e descolonização, em especial na África e na Ásia, emergiam de maneira proeminente no noticiário e em suas clivagens acadêmicas, disputadas por pesquisadores provenientes dos centros capitalistas e socialistas, e gradativamente complementadas por membros do chamado “terceiro mundo”.

Nesse contexto, o autor concede ao chamado “sistema-mundo” a única unidade de análise relevante de ser estudada, uma vez que os elementos comumente citados, como os estados nacionais, grupamentos étnico-linguísticos e classes sociais, por exemplo, estariam contidos dentro dessa macroestrutura e não seriam capazes de, por si mesmos, explicarem tais fenômenos em escala amplificada.⁷ Ao inquirir acerca dos processos que aprofundam as desigualdades em âmbito macro, o autor se utiliza de uma ótica pautada especialmente na esfera produtiva e rastreia essas dinâmicas de trocas desiguais a partir do ímpeto de acumulação das burguesias nacionais, mormente as nações mais ricas do sistema, burguesias estas que adquiriam posições vantajosas no comércio internacional a partir de uma associação entre agentes privados e estatais.

⁷ WALLERSTEIN, Immanuel. *World-System Analysis: An Introduction*. Durham: Duke University Press, 2004. 298

Segundo Wallerstein, os sistemas-mundo se dividem em duas categorias: os impérios-mundo e as economias-mundo. Em adição, existiram também os minissistemas, que correspondiam a uma outra dinâmica de associação, muito próximos à uma economia de subsistência.

Os chamados impérios-mundo se referem a uma espacialidade onde se instrumentaliza uma relação de interdependência econômica, marcada pela clara divisão do trabalho e a centralização política desta região, exemplificados pelos Impérios Otomano e Safávida. Todavia, o núcleo da administração destes atores não estava inequivocamente ligado à dimensão do comércio, e definitivamente não possibilitava a instrumentalização de uma economia de mercado.

Impérios-mundo eram basicamente redistributivos em termos econômicos. Sem dúvida, dispunham de conglomerados de mercados que engajavam em trocas econômicas (primariamente de longa distância), porém tais conglomerados, apesar de extensos, constituíam uma parte minoritária da economia e não eram determinantes em seu destino. Tais trocas de longa distância tendiam a ser, conforme argumentou Polanyi, “trocas administradas” e não trocas de mercado, utilizando de “portos de comércio”⁸

Quanto às economias-mundo, estas se diferenciam pela presença de dois ou mais sistemas político-culturais em uma mesma delimitação espacial, tal como o comércio marítimo no Oceano Índico no século XVI.⁹ É característico de uma economia-mundo a participação de duas ou mais unidades políticas que, por mais distintas em termos étnicos e culturais que possam ser umas das outras, atuam dentro de uma relação de interdependência que é aglutinada comercialmente por uma força motriz específica. Na leitura de Wallerstein, esta força presente na economia-mundo atual é o próprio modo de produção capitalista.

Foi apenas com a emergência da economia-mundo moderna, na Europa do século dezesseis, que presenciamos o total desenvolvimento e predominância econômica das trocas de mercado. Este era o sistema chamado de capitalismo. Capitalismo e uma economia-mundo (isto é, uma única divisão do trabalho, mas com múltiplas unidades políticas e culturais) são lados distintos da mesma moeda.¹⁰

[...] Os impérios do século dezanove, assim chamados, como a Grã Bretanha ou a França, não eram impérios-mundo em sua totalidade, mas estados-nações com apêndices coloniais operando dentro da estrutura de uma economia-mundo.¹¹

⁸ WALLERSTEIN, Immanuel. The Rise and Future Demise of the World Capitalist System: Concepts for Comparative Analysis. *Comparative Studies in Society and History*, v. 16, n. 4, p. 387-415, 1974, p. 390).

⁹ *Idem.*

¹⁰ *Ibidem*, p. 391. Tradução nossa

¹¹ *Idem.* Tradução nossa.

Os minissistemas, por sua vez:

[...] são algumas entidades que possuem em si mesmas uma completa divisão do trabalho, e uma única estrutura cultural. Tais sistemas são encontrados apenas em sociedades de caçadores-coletores ou com uma prática agrícola muito simples. Estes sistemas não mais existem no mundo. Não obstante, existiram menos no passado do que é normalmente sinalizado, já que qualquer um destes sistemas que foram atrelados a algum império pelo pagamento de tributos como “custos de proteção” deixaram de ser um “sistema”, já que não mais possuíam uma divisão do trabalho contida em si.¹²

Tendo em vista o enfoque na totalidade, Wallerstein observa no continente europeu, ao longo do século XV, uma gradual transição, daquilo que ele afirma se tratar de uma “civilização” feudal e fragmentada, com laços pautados na figura da Igreja Católica e do latim como *língua franca*, em direção à uma economia-mundo capitalista centrada no noroeste europeu.¹³ Todavia, o autor realiza esta asserção a partir de uma observância das intersecções entre os sistemas-mundo existentes à época e como a correlação entre dinâmicas “exógenas”, como o papel do comércio de longa distância, e “endógenas”, como os crescentes embates entre as elites “feudais” e a centralização política “nacional”, permitiram que tal economia-mundo original florescesse em meio ao “longo século XVI”.¹⁴ Face ao enfoque nessa temporalidade e espacialidade, a gênese do “moderno sistema-mundo capitalista” é acompanhada pela rápida “absorção” do continente americano, assim como da Europa oriental e das possessões comerciais ultramarinas europeias no Indo-Pacífico, à divisão do trabalho nesta economia-mundo que se ampliava cada vez mais. Esse processo de ampliação espacial da economia-mundo é definido por Hopkins e Wallerstein¹⁵ como uma dinâmica de “incorporação”:

O mecanismo mais simples pelo qual se pode conseguir isto é pela expansão global do escopo geográfico da economia-mundo capitalista pela incorporação de novas áreas geográficas, a quarta etapa deste processo. A incorporação possui o efeito de criar novas zonas produtivas com mão de obra barata, que então incrementa a habilidade da economia-mundo de se expandir economicamente e, simultaneamente, a possibilidade de renovar uma maior proporção de taxas de lucros em direção aos grandes acumuladores.

Os momentos iniciais do sistema-mundo capitalista, segundo Wallerstein, acabam por corresponder diretamente ao nascedouro do sistema interestatal europeu, que recebera grande

¹² *Ibidem*, p. 390. Tradução nossa

¹³ WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System II: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750**. 2nd ed. Berkeley: University of California Press, 2011b, XIV-XVI.

¹⁴ *Idem*; WALLERSTEIN, Immanuel. From Feudalism to Capitalism: Transition or Transitions? **Social Forces**, v. 55, n. 2, p. 273-283, 1976.

¹⁵ HOPKINS, Terence K.; WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalism and the Incorporation of New Zones into the World-Economy. **Review**, v. 10, n. 5-6 (sup.), p. 763-780, 1987, p. 771. Tradução nossa

impulso ao longo do século XV, sobretudo após a união dos Reinos de Aragão e Castela, o início dos empreendimentos navais portugueses pela costa ocidental africana, assim como do fim da Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra. Todavia, como já fora explicitado previamente, a perspectiva de sistema-mundo moderno preconiza um olhar holístico cujo enfoque privilegie o modo de produção capitalista em escala ampliada. Dessa maneira, a formação de Estados nacionais e a delimitação de suas fronteiras, atuam como instrumentos defensivos das burguesias desses países, a fim de que possam garantir a manutenção de suas posições privilegiadas na acumulação de capital. A partir dessa questão, o autor afirma que “[...] se alguém inicia [a investigação acerca da correlação entre processos econômicos e as fronteiras de um Estado] com a estrutura de uma única divisão do trabalho dentro da qual existem múltiplos Estados e múltiplos processos econômicos, então alguém deve se preocupar com a falta de total coincidência”.¹⁶.

Explorando essa asserção, a perspectiva de sistema-mundo de Wallerstein aplica os conceitos estruturalistas de centro, periferia e semiperiferia no âmbito da investigação dos processos de desenvolvimento e distribuição desiguais ao redor do mundo. O centro seria dotado de um amplo parque industrial e um sistema robusto de investimento em tecnologia de ponta, o que acaba por conceder uma grande capacidade de inovação nos processos produtivos, aumentando assim o lucro da burguesia desses países e também a condição de monopólio, mesmo que provisória, de suas manufaturas no comércio internacional. A questão do monopólio é central, do nosso ponto de vista, pois conflui dimensões que são por vezes retratadas como autônomas, tais como “economia” e “política”. Wallerstein comunga da perspectiva do historiador Fernand Braudel quanto às dimensões econômicas do sistema capitalista, sendo estas: I) a vida material, que reflete as relações cotidianas como a reprodução, a produção de subsistência, as vestimentas e os instrumentos para o manejo da terra; II) a economia de mercado, que engloba as dinâmicas de troca em que imperam o princípio de concorrência entre mercadores e normalmente se dariam em locais como feiras, onde o preço é relativamente conhecido pelos agentes; e III) o próprio capitalismo, no qual poucos indivíduos se aliam ao poder político que lhes possa promover uma condição de monopólio em determinada atividade, ao passo que o governante também seria privilegiado com o acesso a

¹⁶ HOPKINS, Terence K; WALLERSTEIN, Immanuel. **World-Systems Analysis: Theory and Methodology**. Beverly Hills: Sage, 1982, p. 92, tradução e ênfase nossa.

mercados e tributos. Desse modo, Braudel conceitua o capitalismo como sendo o antimercado.¹⁷ Wallerstein, a partir desta conceituação braudelianiana do capitalismo, vai então focalizar a manutenção das estruturas de poder no sistema internacional, a partir da qual os Estados mais fortes buscam manter essa condição em prol de sua burguesia, ótica esta que abordaremos com mais afinco logo mais.

Todavia, cabe um breve adendo acerca da correlação entre a perspectiva de Wallerstein com a de Braudel, uma vez que este não considera a consolidação da economia-mundo capitalista – europeia – no âmbito da contenção da expansão imperial Habsburgo entre os séculos XVI e XVII, mas sim que remonta aos séculos XI, XII e, sobretudo, XIII. A leitura de Braudel enfatiza a retomada dos fluxos de comércio de longa distância no mar Báltico e do Norte – impulsionado ainda mais pela Liga Hanseática – e o reavivamento do comércio com o Mediterrâneo oriental após a Primeira Cruzada.¹⁸ A disputa comercial e militar entre as cidades-Estados italianas do século XIII marcariam então o apogeu dessa reconfiguração comercial europeia.¹⁹ Não obstante, a configuração hidrográfica do continente permitiu a capilaridade das trocas de média distância, que confluíram sobretudo em localidades centrais, como as feiras de Champagne, por exemplo. Em adição, esse mesmo acondicionamento teria engendrado uma especialização produtiva nas cidades, favorecendo o surgimento de ofícios especializados e da incorporação de técnicas agrícolas mais sofisticadas.

Retomando os aspectos estruturais da leitura de Wallerstein, a periferia acaba por refletir os Estados que dispõem de grandes quantidades de matérias-primas e mão de obra barata, normalmente direcionando sua economia aos procedimentos majoritariamente extrativistas, e também servindo como um centro de operação de baixo custo para o capital e as infraestruturas provenientes do centro. Todavia, cabe aqui ressaltar o fato de que uma zona, por ocupar uma posição de centralidade no sistema-mundo, não deva, necessariamente, apenas operacionalizar processos de alto valor agregado. Dinâmicas de centro e periferia podem ocorrer em paralelo nas diversas regiões do globo e no interior dos próprios estados, transformando-as em relações diádicas, nas quais diferentes perfis de atividade econômica se correlacionam, e até mesmo se

¹⁷ ARIENTE, Wagner; FILOMENO, Felipe. Economia Política do Moderno Sistema Mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. *Ensaio FEE*, v. 28, n.1, p. 99-126, 2007;

BRAUDEL, Fernand. *A Dinâmica do Capitalismo*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987;

BRAUDEL, Fernand. *Perspective of the World: Civilization and Capitalism*. Volume III. London: Collins, 1984.

¹⁸ BRAUDEL, Fernand. *Perspective of the World: Civilization and Capitalism*. Volume III. London: Collins, 1984, p. 102; 109-110.

¹⁹ *Ibidem*, p. 57.

sobrepõem.²⁰ Tratando dessa ambivalência, Hopkins e Wallerstein indicam a necessidade de sublinhar o papel da chamada semiperiferia, que “não é apenas uma atividade econômica, pois se configura como uma relação *diádica* de trocas desiguais entre um *par* de objetos que são trocados na divisão do trabalho”.²¹

O autor afirma também a necessidade de se distinguir a natureza das trocas comerciais desse sistema social específico, o moderno sistema-mundo capitalista –, em relação aos demais sistemas pré-existentes, a partir da diferenciação entre as trocas de preciosidades e aquelas de bens-salário.²² Reconhecendo a existência de trocas comerciais entre diferentes zonas geográficas em períodos temporais que há muito antecedem a gênese da economia-mundo capitalista, Wallerstein utiliza-se de autores como Karl Polanyi e Rosemary Arnold a fim de elucidar a mudança de paradigma de um comércio internacional focalizado em itens de luxo, em direção a outro, cujas trocas dos itens de necessidade são uma das características fundamentais do moderno sistema-mundo.²³ Não obstante, existe a concepção de que o “comércio em si mesmo não evidencia interdependência, apenas a troca de bens essenciais”.²⁴

Tendo por base a divisão do trabalho em um modo de produção capitalista, os ímpetus de acumulação das grandes burguesias, “protegidas” pelas estruturas dos seus respectivos Estados nacionais, e a massificação do comércio em bens de luxo e necessidade, torna-se relevante enfatizarmos outras duas questões que são caras à análise de Wallerstein quanto ao sistema-mundo: Os ciclos de Kondratieff e o conceito de hegemonia.

Partindo de uma perspectiva acerca do caráter cíclico do sistema-mundo capitalista, Wallerstein recorre à literatura econômica a fim de compreender as construções analíticas que preconizam as expansões, as chamadas fases A, e contrações, fases B, dos processos de troca e acumulação entre diferentes atores ao largo da espacialidade geográfica da economia-mundo em questão. Não obstante, o autor sinaliza a relevância dos ciclos de Kondratieff – com durações que variam entre os 45 e os sessenta anos – como métricas ideais para a análise do

²⁰ HOPKINS, Terence K.; WALLERSTEIN, Immanuel. **World-Systems Analysis: Theory and Methodology**. Beverly Hills: Sage, 1982, p. 92-93.

²¹ *Ibidem*, p.92, tradução nossa, ênfase no original.

²² HOPKINS, Terence K.; WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalism and the Incorporation of New Zones into the World-Economy. **Review**, v. 10, n. 5-6 (sup.), p. 763-780, 1987, p.773.

²³ WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System III: The Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840s**. 2nd ed. Berkeley: University of California Press, 2011c, p. 131-134.

²⁴ HOPKINS, Terence K.; WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalism and the Incorporation of New Zones into the World-Economy. **Review**, v. 10, n. 5-6 (sup.), p. 763-780, 1987, p. 773, tradução nossa.

moderno sistema-mundo.²⁵ Outrossim, tendo em vista a natureza capitalista desse sistema social, afirma-se que “[...] a questão principal [a ser analisada nos ciclos de Kondratieff] certamente está nas taxas de lucro”.²⁶

Nesse sentido, o autor mais uma vez enfatiza o papel dos Estados nacionais que compõem o centro do sistema enquanto promotores de uma condição de monopólio em favor de suas elites ao longo das fases A e B, tendo em vista o papel dos meios coercitivos e tecnológicos, a fim de promover uma inovação que seja capaz de diferenciar determinados processos e produtos, aumentando assim a capacidade de acumulação desta classe. Todavia, em dado momento essa inovação será indiretamente responsável pelo surgimento de produtos e processos competidores, sendo estes meras cópias ou melhoramentos, o que acaba por impactar em uma queda absoluta dos preços, assim como dos lucros dos grandes acumuladores, face à ampliação da oferta, naquilo que se aproxima de uma “verdadeira” economia de mercado. Não obstante, uma vez em que se exaure a tecnologia, realiza-se uma extensão acima das capacidades do próprio capital e também da produção primária, características estas que refletem a contração da economia e a diminuição das taxas de lucro das grandes burguesias. O ciclo se retroalimenta a partir de uma outra inovação que é sucedida pela expansão – e incorporação – na economia-mundo, e assim por diante.²⁷

No que se refere ao conceito de hegemonia, o autor enfatiza o papel do Estado *hegemon* como aquele que é capaz de moldar as regras do sistema interestatal de acordo com aquilo que lhe convém. Não obstante, face ao seu posicionamento na economia-mundo, este país detém a capacidade de adquirir e manter posições de privilégio – por vezes, monopólios – para suas companhias e atores econômicos através de pressões políticas e, por vezes militares, face aos demais Estados.²⁸

Revisitando o conceito de ciclos e apropriando-se de autores como Joseph Schumpeter, Wallerstein “narra” os quatro momentos cíclicos de uma hegemonia a partir do seguinte processo:

[...] o primeiro momento ocorre no período imediatamente posterior. Este é o momento do gradual declínio da potência hegemônica, durante o qual duas potências emergem como competidoras para a sucessão. O momento logo após é aquele em que

²⁵ WALLERSTEIN, Immanuel. Long Waves as Capitalist Process. *Review*, v. 7, n. 4, p. 559-575, 1984, p. 559-564.

²⁶ *Ibidem*, p. 565, tradução nossa.

²⁷ *Ibidem*, p. 567.

²⁸ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System II: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2011b, XXIII.

o declínio se torna definitivo. Podemos pensar neste segundo momento como aquele no qual existe uma “balança de poder” no sistema-mundo. Durante este momento, os dois competidores pela hegemonia lutam para assegurar vantagens geopolíticas e na economia-mundo. O terceiro momento é quando a luta se torna tão aguda que desfaz a ordem pré-estabelecida, gerando assim uma “guerra dos trinta anos” entre os competidores pela hegemonia. O último momento é aquele onde emerge um vitorioso em definitivo, capaz de estabelecer uma verdadeira hegemonia -até que, claro, o lento declínio comece²⁹.

O sistema-mundo de cinco mil anos: A releitura de Gunder Frank e Gills

Um dos principais precursores dos debates acerca do desenvolvimento desigual na década de 1960, assim também como intelectual presente nas produções acadêmicas entre os trabalhos originários da perspectiva de sistema-mundo, André Gunder Frank reformulou sua análise ao longo das décadas de 1980 e 1990 e, ao lado de Barry Gills, delineou uma hipótese acerca da existência de um único sistema-mundo datado de, pelo menos, cinco mil anos.

Segundo esses autores, a perspectiva de Wallerstein acabava por reforçar uma narrativa que é, em sua essência, eurocêntrica, face ao seu enfoque na chamada “ascensão do Ocidente” no decorrer do “longo século XVI”³⁰. Utilizando-se da obra de Janet Abu-Lughod,³¹ Gunder Frank reafirma que este momento de ascensão da “Europa” fora precedido pelo declínio do “Oriente” no decorrer dos séculos XIII e XIV, esta que seria a região fulcral das trocas e interações socioeconômicas em uma perspectiva intercivilizacional e multimilenar.³² Em publicações posteriores,³³ Gunder Frank vai endossar a hipótese de que o real declínio asiático dar-se-á ao longo do século XIX, momento em que a Europa vai então tornar-se o centro incontestado do sistema. Contudo, ao passo em que Abu-Lughod hipotetiza a existência de um sistema-mundo datado entre 1250 e 1350 EC, e cujo enfoque central reside no papel das cidades mais pujantes por entre os fluxos de comércio de média e longa distâncias, Gunder Frank e Gills direcionam-se a uma interpretação capaz de reformar a “gênese” dessa interação para meados de 3000 AEC.³⁴

²⁹ *Ibidem*, XXIII. Tradução nossa

³⁰ FRANK, Andre Gunder. A Theoretical Introduction to 5,000 Years of World System History. **Review**, v. 13, n. 2, p. 155-248, 1990.

³¹ ABU-LUGHOD, Janet. **Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350**. New York: Oxford University Press, 1989.

³² FRANK, Andre Gunder. *op. cit.*, p. 190.

³³ FRANK, Andre Gunder. The World Economic System in Asia before European Hegemony. **The Historian**, v. 56, n. 2, p. 259-276, 1994; FRANK, Andre Gunder. **ReOrient: Global Economy in the Asian Age**. Berkeley: University of California Press, 1998.

³⁴ FRANK, Andre Gunder; Gills, Barry. **The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?** London: Routledge, 1996, p. 84.

Para além da reinterpretação de Abu-Lughod, Gunder Frank e Gills derivam porções fulcrais das contribuições de Ekholm e Friedman,³⁵ assim como Schneider³⁶ no âmbito da sua própria crítica à limitação presente no moderno sistema-mundo “eurocêntrico” de Wallerstein. Ekholm e Friedman preconizam a necessidade de se enfatizar os processos intensivos de comodificação e utilização de instrumentos econômicos – além das vias de tributação – para a manutenção dos aparatos estatais e de dominação em tempos que muito antecedem o “longo século XVI”, postura que se confronta com a compreensão de um modo “tributário” que estaria vigente até então. Schneider, por sua vez, vai ressignificar o papel das trocas de luxo enquanto força motriz para a manutenção interna das sociedades, assim como na relação de elites *vis-à-vis* suas contrapartes em diferentes regiões e culturas.

“A regra parece ser, caso queira estudar o período intermediário de um século, comece pelo final e deixe as questões te levarem a retroceder no tempo. Nunca tente começar pelo início. A pesquisa histórica procede para trás, nunca para frente.”³⁷ Partindo desta asserção, os autores realizam o exercício de análise histórica que os direciona às interações socioeconômicas entre as civilizações egípcia e mesopotâmica há mais de cinco mil anos. Todavia, reconhecem a existência de atividades econômicas entre diferentes regiões em períodos que antecedem este marco, mas afirmam não se tratar de relações economicamente sistêmicas, uma economia-mundo, condição basilar para a perspectiva de análise do sistema-mundo.³⁸

Apropriando-se das construções analíticas de centro e periferia, Frank e Gills optam por adicionar a compreensão de hinterlândia, formando o que denominam como complexo centro-periferia-hinterlândia, doravante CPH, em detrimento da adjetivação de semiperiferia, esta que, segundo os autores, “sempre foi um elo fraco e confuso no argumento [das estruturas da economia-mundo]”,³⁹ em função das clivagens heterogêneas que permitiram categorizar um estado como semiperiférico. Nesse contexto, a hinterlândia se caracteriza como um espaço geográfico, que não pode ter sua extensão mensurada claramente, rico em recursos naturais e mão de obra, cujos habitantes não se encontram subordinados institucionalmente ao centro de

³⁵ EKHOLM, K. FRIEDMAN, J. “Capital” imperialism and exploitation in ancient world-systems. *In*: FRANK, Andre Gunder; GILLS, Barry (eds.). **The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?** London: Routledge, 1996, p. 59-80.

³⁶ SCHNEIDER, Jane. Was there a precapitalist world-system? *In*: CHASE-DUNN, Christopher; HALL, Thomas (eds.). **Core/Periphery Relations in Precapitalist Worlds**. London & New York: Routledge, 1991, p. 45-66.

³⁷ FAIRBANK, 1969, VII-XIII *apud* FRANK, Andre Gunder. A Theoretical Introduction to 5,000 Years of World System History. **Review**, v. 13, n. 2, p. 155-248, 1990, tradução nossa.

³⁸ FRANK, Andre Gunder; Gills, Barry (eds.). *op. cit.*, p. 84.

³⁹ *Ibidem*, p. 94-95. Tradução nossa.

acumulação. Quando esse processo de subordinação se inicia, manifesta-se então uma dinâmica de gradual periferação.

É importante examinar como as zonas de centro e periferia se expandem até a hinterlândia, a fim de compreender a forma pela qual os processos de acumulação estão envolvidos. A racionalidade de expansão e assimilação até a hinterlândia aparentam estar relacionados à “lucratividade” de tal expansão, em termos de encontrar novas fontes de lucro. Elas também auxiliam a resolução de contradições internas do complexo centro-periferia evidenciadas como um resultado da exploração e da pressão demográfica. A luta de classes no complexo centro-periferia é afetada pela expansão e acumulação na hinterlândia. Questões demográficas são um fator importante, a hinterlândia provê novos recursos para sustentar uma população crescente das zonas centrais e periféricas. Os limites geográficos físicos da periferação da hinterlândia pelo centro parece estar configurada pelas capacidades logísticas e um cálculo de custo-benefício.⁴⁰

Ao construírem tal narrativa, os autores direcionam-se àquela que é vista por eles como a força motriz das interações na economia-mundo, a acumulação. Segundo eles, a observância estrita acerca dos modos de produção acaba por arrefecer a investigação sobre os modos de acumulação, uma vez que “[n]o sistema mundo, a produção é um meio para determinado fim. Este fim é o consumo e a acumulação”.⁴¹ Todavia, essa interpretação não retira o enfoque estrutural nas classes sociais, uma vez que a criação de mecanismos que propiciem a extração de excedentes por parte das elites, como salários, trabalho forçado, arrendamentos e impostos, atuam como engrenagens para a manutenção do ímpeto de acumulação em dada “sociedade”.

Não obstante, essa mesma configuração de transferência de excedentes ocorre entre as próprias elites que compõem a economia-mundo, levando a cabo uma interconexão socioeconômica sistêmica. Gunder Frank e Gills caracterizam esse processo como “acumulação interpenetrante”, tendo em vista o fato de que parte do excedente extraído por uma elite “x” será direcionado para a elite “y”, criando assim zonas de sobreposição nos ímpetos de acumulação, promovendo uma dinâmica de cumulatividade.

[...] a acumulação interpenetrante cria então uma interdependência causal entre estruturas de acumulação e entidades políticas. A estrutura de cada componente do sistema mundo é afetada sensivelmente por esta correlação, e evidências empíricas de tal acumulação interpenetrante através da transferência ou troca de excedentes é um indicador mínimo de uma relação sistêmica.⁴²

⁴⁰ GILLS, Barry; FRANK, Andre Gunder. The cumulation of accumulation: theses and research agenda for 5000 years of world system history. *Dialectical Anthropology*, v. 15, n. 1, p. 19-42, 1990, p. 29. Tradução nossa

⁴¹ FRANK, Andre Gunder; GILLS, Barry. *The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?* London: Routledge, 1996, p. 97, tradução nossa.

⁴² GILLS; FRANK, *op. cit.*, p 27-28. Tradução nossa

Outrossim, a relação que se estabelece entre essas elites acaba também por mobilizar as classes sociais “domésticas” de cada uma, garantindo a manutenção desse arranjo em escala amplificada.

Acerca da compreensão de “economia mundo”, no singular e sem o hífen, a perspectiva dos autores é a de que existiu – e existe – apenas uma única estrutura sistêmica de interações socioeconômicas alimentadas pela força motriz da acumulação. Dessa forma, observam um processo de expansão geográfica dessa economia mundo, outrora concebida inicialmente nas correlações entre egípcios e mesopotâmicos, mas que se expandiu gradualmente até englobar a Afro-eurasia, e posteriormente a América.

A instrumentalização da dinâmica de acumulação interpenetrante ao largo do sistema é possibilitada através da correlação entre atores diretamente ligados à burocracia estatal em consonância com agentes sem esta conexão simbiótica e formal junto às instâncias de poder que, segundo os autores, formam um “conflito simbiótico perpétuo”.⁴³ Não obstante, esse conflito resulta na manutenção da ciclicidade quanto à captura de excedentes na economia mundo.

Dessa forma, Gunder Frank e Gills caracterizam a hegemonia como uma “[...] estrutura hierárquica de acumulação de excedentes entre entidades políticas, e suas classes constituintes, mediada pela força”.⁴⁴ Do nosso ponto de vista, tal adjetivação permite grande flexibilidade ao conceito quando de uma releitura histórica mais robusta – no âmbito dessa interação de cinco mil anos –, uma vez que abarca desde grandes impérios agrários densamente povoados, a cidades-estados mercantis, por exemplo.

Nesse sentido, a hegemonia descrita por essa perspectiva difere da concepção de Wallerstein – que preconiza uma condição de liderança clara em meio à formulação, e ao favorecimento, das regras do sistema – em prol de uma imagem piramidal na qual diversos “centros de poder político e acumulação de capital” coexistem e se relacionam, não havendo, portanto, um vácuo de poder, face ao redimensionar das estruturas de captação de excedente e a ausência de uma primazia inquestionável.⁴⁵ A existência de um agente capaz de desequilibrar consideravelmente essa condição caracterizaria um processo de super hegemonia, evento raro

⁴³ FRANK, Andre Gunder; Gills, Barry (eds.). *op. cit.*, p. 102.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 100

⁴⁵ FRANK, Andre Gunder; GILLS, Barry. A Structural Theory of the 5,000-Year World System. In: CHEW, Sing C.; LAUDERDALE, Pat (eds.). **Theory and Methodology of World Development: The Writings of Andre Gunder Frank**. New York: Palgrave Macmillan, p. 97-124, 2010, p. 104.

e fugaz – quando comparado à temporalidade do sistema –, e que poderia ser exemplificado pela China *Han*, o Califado Abássida e os Impérios Mongol, Romano, Britânico e Aquemênida.

Quanto às oscilações da economia mundo, os autores também se utilizam de uma perspectiva cíclica no âmbito da análise de Fases A e B, todavia, preconizam as variações seculares como métricas mais oportunas ao exercício de análise histórica multimilenar, face à curta duração (nesta escala temporal) dos Kondratieffs, apesar de reconhecerem a possibilidade de uso destas. Não obstante, focalizando mais uma vez a temática da cumulatividade, afirmam que:

[...] a economia/sistema mundo nunca “colapsa” ou “declina”. De outro modo, alterna ciclicamente entre períodos de integração relativamente alta (hegemônica) e concomitante prosperidade econômica, e períodos de hegemônias relativamente menos integradas e uma concomitante regressão ou contração econômicas.⁴⁶

No que se refere à “natureza” do comércio, denota-se mais uma contraposição aos escritos de Wallerstein, que observa a troca de necessidades como uma condição sistêmica dessa interação. Gunder Frank e Gills favorecem a perspectiva de que o comércio de bens de luxo traduz-se como pilar fundamental para a manutenção das estruturas de acumulação, já que:

O comércio de itens luxuosos de alto valor agregado [...] podem [...] ter sido mais importantes do que as trocas de bens-salários a fim de definir relações sistêmicas. Isto acontece porque o comércio de alto valor é, essencialmente, uma troca entre elites. Tais commodities, além de servirem como consumo ou acumulação das elites, são tipicamente também repositórios de valor. Elas incorporam aspectos de relações sociais de produção, que reproduzem a divisão do trabalho, estruturas de classe e o modo de acumulação. [...] Neste sentido, comércio em itens básicos ou luxuosos são indicadores da acumulação interpenetrante.⁴⁷

Outrossim, tal perspectiva prioriza também a interação de bens-salário e itens de “necessidade” no decorrer deste sistema multimilenar. Os autores citam itens como metais, grãos e madeiras, elementos centrais para a manutenção das sociedades e que caracterizavam uma importante porção do comércio, sobretudo de curta e média distâncias.⁴⁸

⁴⁶ GILLS, Barry; FRANK, Andre Gunder. World System Cycles, Crises, and Hegemonial Shifts, 1700 BC to 1700 AD. *Review*, v. 15, n. 4, p. 621-687, 1992, p. 628, tradução e grifo nossos.

⁴⁷ FRANK, Andre Gunder; Gills, Barry. **The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?** London: Routledge, 1996, p. 93-94.

⁴⁸ FRANK, Andre Gunder; GILLS, Barry. A Structural Theory of the 5,000-Year World System. In: CHEW, Sing C; LAUDERDALE, Pat (eds.). **Theory and Methodology of World Development: The Writings of Andre Gunder Frank**. New York: Palgrave Macmillan, p. 97-124, 2010, p. 101.

Reorganizando os debates entre as diferentes perspectivas de sistema-mundo

Logo após a escrita do texto introdutório de Gunder Frank⁴⁹ no qual o autor lança mão de sua hipótese “revisionista”, Wallerstein reitera sua posição de ineditismo quanto ao sistema-mundo capitalista. Para tal, enfatiza as esferas de análise presentes em sua leitura. Em um primeiro momento, reconhece a existência de componentes “protocapitalistas”, como trabalho assalariado, a produção de *commodities* e a utilização de tecnologia avançada, em momentos que antecedem o marco do “longo século XVI”. Tais instâncias recebem essa denominação uma vez que as suas respectivas presenças enquanto “parte do todo” caracterizam uma condição basilar para a existência do capitalismo.⁵⁰ Todavia, nos diz Wallerstein, a mera existência desses processos não indica, necessariamente, a existência de um sistema capitalista, face ao possível ímpeto de contenção por parte de determinados atores presentes na economia-mundo em questão, abortando assim a manutenção de uma interdependência capitalista.

Nesse contexto, afirma que a tentativa de Gunder Frank de utilizar o conceito de capitalismo em uma releitura de cinco mil anos acabava por “desprover a palavra de qualquer sentido”.⁵¹ Em adição, Wallerstein enfatiza o papel da acumulação para a manutenção dos sistemas-mundo, mas indica que a sua dimensão incessante atua como uma característica única deste moderno sistema-mundo.

Isto nos traz ao hífen. Meu “sistema-mundo” não é um sistema “no mundo” ou “do mundo”. É um sistema “que é um mundo”. Por isto o hífen, já que “mundo” não é um atributo do sistema. Assim os dois mundos juntos constituem um único conceito. O sistema de Frank e Gills é a um sistema mundo em um sentido de atribuição, naquilo quem tende a cobrir todo o mundo com o passar do tempo. Eles não podem conceber a ideia de múltiplos “sistemas-mundo” coexistindo no planeta. Contudo, até o século dezanove, ao menos, conforme afirmei, este sempre foi o caso.⁵²

Gunder Frank e Gills, em resposta, vão focalizar a subjetividade presente na asserção de uma acumulação incessante de capital, tal qual posta por Wallerstein. Para esses autores, a controvérsia posta pelo sociólogo estadunidense acaba por circundar um debate quanto à

⁴⁹ FRANK, Andre Gunder. A Theoretical Introduction to 5,000 Years of World System History. *Review*, v. 13, n. 2, p. 155-248, 1990.

⁵⁰ WALLERSTEIN, Immanuel. World System versus World-Systems: A critique. In: FRANK, Andre Gunder; Gills, Barry (eds.). *The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?* London & New York: Routledge, p. 292-296, 1996, p. 292-293.

⁵¹ WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. 2nd ed. Berkeley: University of California Press, 2011, XXIX.

⁵² WALLERSTEIN, Immanuel. World System versus World-Systems: A critique. In: FRANK, Andre Gunder; Gills, Barry (eds.). *The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?* London & New York: Routledge, p. 292-296, 1996, p. 294-295, ênfases no original, tradução nossa.

semântica da palavra “incessante”, evadindo assim a utilização de uma interpretação cumulativa e multimilénar. Compreendemos que tal perspectiva de Gunder Frank e Gills não significa, por exemplo, descaracterizar a relevância de acontecimentos como a revolução industrial, mas sim que a questão da acumulação no sistema mundo deve ser abordada enquanto níveis de escala, cumulativos e crescentes, em contraponto à compartimentalização de termos como “capitalista” ou “moderno” feita por autores como o próprio Wallerstein.⁵³ Nesse arcabouço multimilénar, seria mais adequado compreender, por exemplo, a economia-mundo europeia dos séculos XVI e XVII como uma nova etapa dentro da escala dos modos de acumulação de capital, ao invés de uma “transição” ou “ruptura” em direção ao capitalismo e deixando para trás uma estrutura “feudal”.

No âmbito dessa discussão, outros autores contribuíram para o desenvolvimento deste debate e a elucidação de questões teóricas e metodológicas abarcadas pela disputa entre tais perspectivas de análise do sistema-mundo.

Janet Abu-Lughod, que serviu de inspiração para a tese inicial de cinco mil anos de Gunder Frank, ao afirmar a existência de um sistema-mundo entre 1250 e 1350 EC, reconhece a importância de análises históricas mais longevas, sobretudo em âmbito regional, mas afirma que “um longo ciclo de flutuações, que por vezes são tão extremas, pode ser analiticamente mais proveitoso ser referendado como uma ruptura ou reestruturações”.⁵⁴

Perspectiva relativamente próxima pode ser encontrada na obra de Christopher Chase-Dunn e Thomas Hall, autores que defendem o estudo comparativo entre sistemas-mundo como uma das principais ferramentas de análise. Nesse sentido, opõem-se à tese de Gunder Frank e Gills, uma vez que a consideram “continuacionista”, não sinalizando as principais diferenças entre os tipos de sistema-mundo em uma perspectiva evolucionária. Segundo Chase-Dunn e Hall,⁵⁵ são três os modos de organização dos sistemas-mundo ao longo dos últimos cinquenta mil anos, a saber: (I) grupos sociais entrelaçados por parentesco;⁵⁶ (II) modo tributário⁵⁷ e (III)

⁵³ FRANK, Andre Gunder; GILLS, Barry. A Structural Theory of the 5,000-Year World System. In: CHEW, Sing C; LAUDERDALE, Pat (eds.). *Theory and Methodology of World Development: The Writings of Andre Gunder Frank*. New York: Palgrave Macmillan, p. 97-124, 2010, p. 101-102.

⁵⁴ ABU-LUGHOD, Janet. Discontinuities and persistence: One world system or a succession of systems? In: FRANK, Andre Gunder; GILLS, Barry (eds.). *The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?* London: Routledge, p. 278-291, 1996, p. 289.

⁵⁵ CHASE-DUNN, Christopher; HALL, Thomas. *Rise and Demise: Comparing World-Systems*. Boulder: Westview Press, 1997, p. 42-43.

⁵⁶ Subdivididos cronologicamente entre sociedades sem classe e as chefaturas.

⁵⁷ Estados primários, união através da conquista, sistemas-mundo multicêntricos entre Impérios, Estados e periferias, e os Estados comercializadores com altas taxas de comodificação na vida cotidiana.

o modelo capitalista. Apesar do viés que denominam “transformacionistas”, semelhante a Wallerstein, os autores discordam deste por negar aos minissistemas a condição de estabelecerem contatos simultâneos com outros grupamentos sociais em distintas espacialidades.⁵⁸

Em adição, Hall⁵⁹ vai indicar uma ampliação do conceito de incorporação, tal qual utilizado por Wallerstein e Hopkins, aproximando-o da perspectiva cumulativa presente em Gunder Frank e Gills, mesmo que não de maneira intencional, na nossa interpretação. A observância restrita ao modo de produção capitalista e o comércio de bens-salário é vista por Hall como um limitante do conceito, que é passível de resignificação e pode também representar correlações culturais, étnicas e linguísticas, assim como da própria acumulação entre diferentes núcleos sociais.

Samir Amin vai assumir uma posição paralela a Wallerstein contra a perspectiva de Gunder Frank e Gills. O pensador franco-egípcio destaca a necessidade de distinção entre a sociedade capitalista, caracterizada pelo domínio das expressões econômicas de assalariamento e produtividade, contra a primazia das dimensões política e ideológica, no que o autor afirma se tratar de um modo “tributário” presente nas sociedades estatais pré-capitalistas.⁶⁰

Não obstante, Amin afirma que a leitura de Gunder Frank quanto ao sistema mundo de cinco mil anos, que preconiza a continuidade de ciclos de interconectividade e que não possui como enfoque principal os modos de produção, acaba por se traduzir em uma “[...] imagem da história, onde nada mais existe exceto fatos justapostos uns sobre os outros”,⁶¹ e que a falta de reconhecimento explícito às grandes transformações históricas produz uma falsa compreensão de que “nada de importante pode mudar no curso da história”.⁶²

David Wilkinson, por sua vez, mantém uma postura de concordância ao modelo “continuacionista” de Gunder Frank e Gills. Pautado pelo conceito de “civilização central”,⁶³ ele afirma uma contínua incorporação entre as demais civilizações e grupos sociais

⁵⁸ *Ibidem*, p. 27-29.

⁵⁹ HALL, Thomas. Incorporation in the World-System: Toward a Critique. **American Sociology Review**, vol. 51, n. 3, p. 390-402, 1986; HALL, Thomas. The Effects of Incorporation into World-Systems on Ethnic Processes: Lessons from the Ancient World for the Contemporary World. **International Political Science Review**, vol. 19, n. 3, p. 251-267, 1998.

⁶⁰ AMIN, Samir. The Ancient World-Systems versus the Modern Capitalist World-System. **Review**, v. 14, n. 3, p. 349-385, 1991, p. 350.

⁶¹ AMIN, Samir. History Conceived as an Eternal Cycle. **Review**, v. 22, n. 3, p. 291-326, 1999, p. 293.

⁶² *Ibidem*, p. 297.

⁶³ Tendo por marco originário a relação sistêmica entre egípcios e mesopotâmicos desde meados de 1500 AEC, ao passo que Gunder Frank e Gills entendem essa interconexão desde o terceiro milênio AEC.

“circundantes” até a contemporaneidade. A leitura de Wilkinson focaliza sobretudo as cidades enquanto pontos fulcrais dessa interação – inclusive pela via da guerra –, reafirmando que tal processo nunca presenciara uma “queda”, ou extinção, ao passo em que os centros dessa “macro civilização” recondicionam-se gradualmente por entre as fases A e B,⁶⁴ posição que mais uma vez se correlaciona à de Frank e Gills enquanto “continuacionista”.

A problemática permanece

Este breve exercício de revisão bibliográfica teve por objetivo elucidar quanto aos aparatos teóricos-metodológicos pelos quais Wallerstein, Gunder Frank e Gills conduziram suas hipóteses e justificaram suas escolhas perante as revisões que foram emergindo com o passar dos anos neste campo de análise.

É seguro afirmar que as visões de sistema-mundo aqui analisadas, contrapondo a perspectiva de um “moderno sistema-mundo capitalista” de cinco séculos à outra que preconiza a existência de um único sistema social há cinco milênios, fornecem instrumentos de investigação que diferem entre si de maneira contundente, algo que, como vimos, fora afirmado pelo próprio Wallerstein. Tal ruptura entre as visões nos parece conectada diretamente à metodologia frente ao objeto de análise dentro de uma grande narrativa, o que justifica o “longo século XVI” de Wallerstein, pautado pelo excepcionalismo da acumulação incessante de capital, assim como a história-mundo utilizada por Gunder Frank e Gills, esta que se pretende à uma releitura das interações societárias sistêmicas, em detrimento do enfoque na ascensão do Ocidente, a partir de uma perspectiva cumulativa.

Wallerstein enfatiza a noção de “sistema-mundo moderno capitalista”. De acordo com o autor, esse sistema teria sido gestado no continente europeu, ao longo dos séculos XV e XVI, e se expandido, em termos territoriais, continuamente até se tornar efetivamente global entre os séculos XIX e XX. Pautado pelo modo de produção capitalista e aglutinado pelo ímpeto de acumulação incessante de capital, o sistema-mundo capitalista passa então a moldar as estruturas sociais dos Estados em função desse arranjo econômico supraestatal. Não obstante, as relações de comércio passam a formar uma divisão internacional do trabalho em escala sistêmica, que permite a manutenção dos fluxos de acumulação das elites em um “organismo” funcional, marcado pela presença de múltiplas instâncias políticas, mas que são

⁶⁴ WILKINSON, David. Decline Phases in Civilization, Regions and Oikumenes. *Comparative Civilizations Review*, v. 33, n. 33, art. 4, 1995, p. 33-34.

instrumentalizadas segundo a lógica do modo de produção capitalista, naquilo que é então uma economia-mundo capitalista.

Em contraponto, Gunder Frank e Gills vão recorrer à longuíssima duração para reinterpretar a gênese desse sistema-mundo, assim como as suas principais forças motrizes. Reconhecem então na interconexão entre Egito e Mesopotâmia, a partir do século XXXI AEC, o nascedouro de uma relação entre atores estatais – mas que também conta com a presença de agentes não estatais – aglutinada pelas interações socioeconômicas e que possui na acumulação uma de suas principais causalidades e resultantes. É nesse contexto que os autores vão inverter a lógica posta por Wallerstein, focalizando a dimensão dos modos de acumulação em detrimento dos modos de produção. No seio dessa inflexão, questiona-se inclusive a validade do termo “capitalismo” para entender as relações intersocietárias sob o arcabouço sistêmico preconizado por Wallerstein. Gunder Frank e Gills explicitam então que existe apenas um sistema mundo – sem o hífen –, há aproximadamente cinco mil anos, e que a leitura de Wallerstein seria apenas uma continuidade eurocêntrica – pois tem na Europa o seu núcleo fundador – desse arranjo mais amplo e que se estendia por toda a Afro-eurásia – até o século XV.

Compreendemos que tais debates não são excludentes, uma vez que os objetos de análise poderão nos sugerir as melhores ferramentas metodológicas, que fartamente encontramos na perspectiva de sistema-mundo, seja nas obras de Wallerstein ou de Gunder Frank e Gills, para além de uma crescente e cumulativa bibliografia sobre esse método analítico. Exercícios investigativos de temporalidades distintas, com capilaridades heterogêneas e complexidades ímpares necessitam da mesma flexibilidade quando das escolhas dos insumos de estudo, podendo convir, por exemplo, a adoção de conceitos expressos por ambas as correntes.

Referências

ABU-LUGHOD, Janet. **Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350**. New York: Oxford University Press, 1989.

_____. Discontinuities and persistence: One world system or a succession of systems? *In*: FRANK, Andre Gunder; GILLS, Barry (eds.). **The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?** London: Routledge, 1996, p. 278-291.

AMIN, Samir. The Ancient World-Systems versus the Modern Capitalist World-System. **Review**, v. 14, n. 3, p. 349-385, 1991.

_____. History Conceived as an Eternal Cycle. **Review**, v. 22, n. 3, p. 291-326, 1999.

ARIENTE, Wagner; FILOMENO, Felipe. Economia Política do Moderno Sistema Mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. **Ensaio FEE**, v. 28, n.1, p. 99-126, 2007.

BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. **Perspective of the World: Civilization and Capitalism**. V. III. London: Collins, 1984.

CHASE-DUNN, Christopher; HALL, Thomas. **Rise and Demise: Comparing World-Systems**. Boulder: Westview Press, 1997.

EKHOLM, K. FRIEDMAN, J. "Capital" imperialism and exploitation in ancient world-systems. *In*: FRANK, Andre Gunder; GILLS, Barry (eds.). **The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?** London: Routledge, 1996, p. 59-80.

FRANK, Andre Gunder; GILLS, Barry. A Structural Theory of the 5,000-Year World System. *In*: CHEW, Sing C; LAUDERDALE, Pat (eds.). **Theory and Methodology of World Development: The Writings of Andre Gunder Frank**. New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 97-124.

_____. (eds.). **The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?** London: Routledge, 1996.

FRANK, Andre Gunder. A Theoretical Introduction to 5,000 Years of World System History. **Review**, v. 13, n. 2, p. 155-248, 1990.

_____. **ReOrient: Global Economy in the Asian Age**. Berkeley: University of California Press, 1998.

_____. The World Economic System in Asia before European Hegemony. **The Historian**, v. 56, n. 2, p. 259-276, 1994.

GILLS, Barry; FRANK, Andre Gunder. The cumulation of accumulation: theses and research agenda for 5000 years of world system history. **Dialectical Anthropology**, v. 15, n. 1, p. 19-42, 1990.

_____. World System Cycles, Crises, and Hegemonial Shifts, 1700 BC to 1700 AD. **Review**, v. 15, n. 4, p. 621-687, 1992.

HALL, Thomas. Incorporation in the World-System: Toward a Critique. **American Sociology Review**, vol. 51, n. 3, p. 390-402, 1986.

_____. The Effects of Incorporation into World-Systems on Ethnic Processes: Lessons from the Ancient World for the Contemporary World. **International Political Science Review**, vol. 19, n. 3, p. 251-267, 1998.

HOPKINS, Terence K.; WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalism and the Incorporation of New Zones into the World-Economy. **Review**, v. 10, n. 5-6 (sup.), p. 763-780, 1987.

_____. **World-Systems Analysis: Theory and Methodology**. Beverly Hills: Sage, 1982.

SCHNEIDER, Jane. Was there a precapitalist world-system? *In*: CHASE-DUNN, Christopher; HALL, Thomas (eds.). **Core/Periphery Relations in Precapitalist Worlds**. London & New York: Routledge, 1991, p. 45-66.

WALLERSTEIN, Immanuel. Foreword. *In*: MANNING, Patrick; GILLS, Barry (eds.). **Andre Gunder Frank and Global Development: Visions, Remembrances and Explorations**. London: Routledge, 2011d.

_____. **World-System Analysis: An Introduction**. Durham: Duke University Press, 2004

_____. The Rise and Future Demise of the World Capitalist System: Concepts for Comparative Analysis. **Comparative Studies in Society and History**, v. 16, n. 4, p. 387-415, 1974.

_____. **The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century**. 2nd ed. Berkeley: University of California Press, 2011a.

_____. **The Modern World-System II: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750**. 2nd ed. Berkeley: University of California Press, 2011b.

_____. **The Modern World-System III: The Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840s**. 2nd ed. Berkeley: University of California Press, 2011c.

_____. Long Waves as Capitalist Process. **Review**, v. 7, n. 4, p. 559-575, 1984.

_____. World System versus World-Systems: A critique. *In*: FRANK, Andre Gunder; Gills, Barry (eds.). **The World System: Five Hundred Years or Five Thousand?** London & New York: Routledge, 1996, p. 292-296.

_____. From Feudalism to Capitalism: Transition or Transitions? **Social Forces**, v. 55, n. 2, p. 273-283, 1976.

WILKINSON, David. Decline Phases in Civilization, Regions and Oikumenes. **Comparative Civilizations Review**, v. 33, n. 33, art. 4, 1995.